



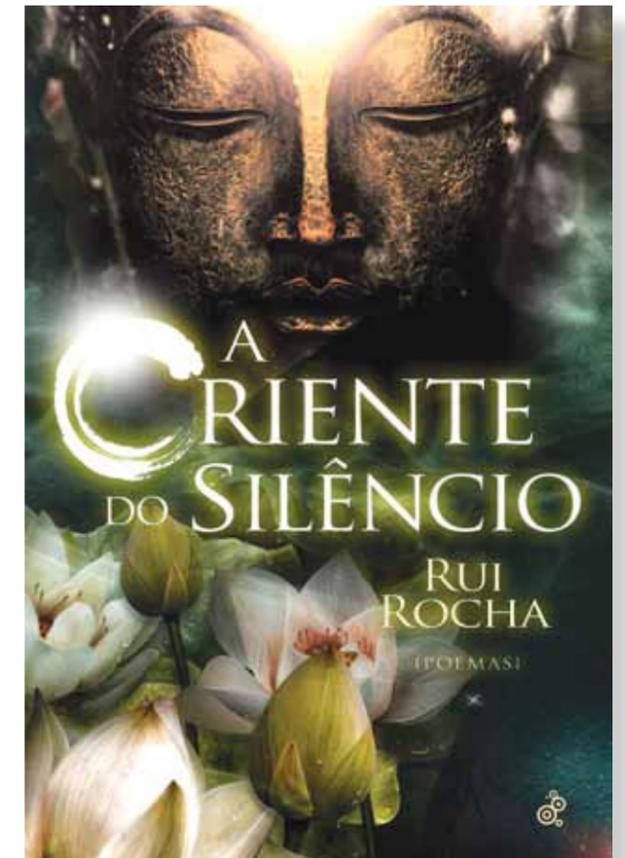
O Oriente e o Silêncio na Poesia de Rui Rocha

VÍCTOR OLIVEIRA MATEUS*

O recente livro de Rui Rocha, *A Oriente do Silêncio*, traz para o seio da poesia escrita em português todo um olhar relativo ao mundo, à natureza e ao outro, que não se inscreve numa tradição de cariz discursivo e logicista como é a ocidental. Logo nos três poemas da dedicatória o poeta nos adverte para a estreita relação existente entre o murmúrio de uma China antiga, um mandato por cumprir nas sucessões de amantes e o império dos tons e da escrita. Esta tríade, assente no que do longe veio até nós, naquilo que urge levar a cabo e na preponderância daquilo com que nos expressamos, atravessa toda esta obra; por conseguinte, como facilmente se vislumbrará, subjacentemente a esta preocupação poética encontraremos a questão do movimento, que, em Rui Rocha, jamais é abrupto ou turbilhonar: “e que me sussurra a vida” (p. 17), “que suavemente ecoa” (p. 25), “o rasto suave e redondo” (p. 69), mas, se por um qualquer percalço do ver, esta brandura do acontecer se tentar insinuar com um outro ritmo, logo este será estancado por essa serenidade essencial e de vida: “o som das agudas marés / rebente nas areias serenas” (p. 77). Estamos, como se depreenderá, no meio de um acontecer e de uma cosmovisão fundamentados num solo matricial radicalmente distinto do ocidental.

* Licenciado em Filosofia pela Universidade de Lisboa. Tendo leccionado Psicologia e Filosofia, passou a dedicar-se apenas à prática da escrita. Publicou sete livros de poesia e uma novela. Traduziu, para português, Safo, S. João da Cruz e Voltaire, e traduziu igualmente para francês alguma poesia portuguesa contemporânea.

Graduated in Philosophy from the University of Lisbon. He taught psychology and philosophy in several official schools. After he dedicate himself solely to the writing. He published seven books of poetry and a novel. He translated into Portuguese authors like Safo, S. João da Cruz and Voltaire, and also translated into French some contemporary Portuguese poetry.



A uma civilização e, conseqüentemente, a dadas formas do fazer artístico que dela emanam, que tem vindo a privilegiar a tecnicização do mostrar e, com um certo gáudio, a impor o artificialismo do acontecer como suma meta de civilização, Rui Rocha contrapõe o primado do silêncio como território fundamental, e fundante, de um existir em autenticidade: “fiquei em

LITERATURA

LITERATURE

silêncio de mãos vazias e nuas / atravessando a solidão das palavras” (p. 43), “o que não dizes aguarda-nos / em cada esquina azul do mar” (p. 65). Ao invés de uma estética da loquacidade, bem ao gosto ocidental, é numa outra, de serenidade e silêncio, que este autor vai cumprindo o mandato, os tons e a escrita, que deixámos logo assinalados nas primeiras linhas desta recensão.

A poesia de Rui Rocha, inextricavelmente ligada à filosofia Zen, subverte assim, de uma forma despreziosa e coerente, toda uma miríade de quadros perceptivos, conceptuais e interpretativos a que estamos habituados. Convém, no entanto, enfatizar que a opção poético-filosófica deste autor pelo Zen não deriva de um qualquer circunstancialismo vivencial ou de uma acidental e acrítica escolha. A opção, dentro dos meandros da sabedoria oriental, até poderia ser qualquer outra, mas o poeta chama a si a inteireza do seu mundo e é aí que, serenamente e nesse silêncio que se adivinha entre palavras e imagens, edifica o seu universo poético naquilo que se percebe ser a extrema fidelidade a um projecto uno, intransmissível e inalienável.

Parece estabelecido que, em 386 a.C., um século depois da morte de Shakyamuni (o Buda), se deu uma cisão no seio do Budismo que originou as duas principais escolas desta filosofia: a corrente Hinayana e a Mahayana. Esta tendência de autonomização foi imediatamente seguida de outras atitudes de ruptura: só para o movimento Hinayana surgiram depois cerca de dezoito escolas, enquanto que o Budismo que se viria a difundir no Tibete é uma deriva do Mahayana que passou a assumir uma certa especificidade, adquirindo assim a designação de Budismo Vajrayana. Os mahaijanistas, já assumidos como tal por volta do século I a.C., defendem a vocação central do Vazio, da Vacuidade; aliás, no Budismo antigo já se afirmava a ausência do em-si e a não-substancialidade dos fenómenos, só que na escola Mahayana esta noção torna-se a verdadeira natureza das coisas, isto é, esse absoluto para lá de todas as oposições. Por conseguinte, se na corrente Hinayana se propõe que os fenómenos se assemelhavam a um Vazio carro puxado a cavalos, já na Mahayana é a própria existência deste veículo que é em si mesma Vazio – todas as oposições não são mais do que Vazio, e realizar a Vacuidade de todas as coisas, adoptar o ponto de vista de Buda, é desencadear o Grande Despertar.¹ Mas, e para o que nos interessa aqui neste artigo, digamos tão-só



Sengcan.

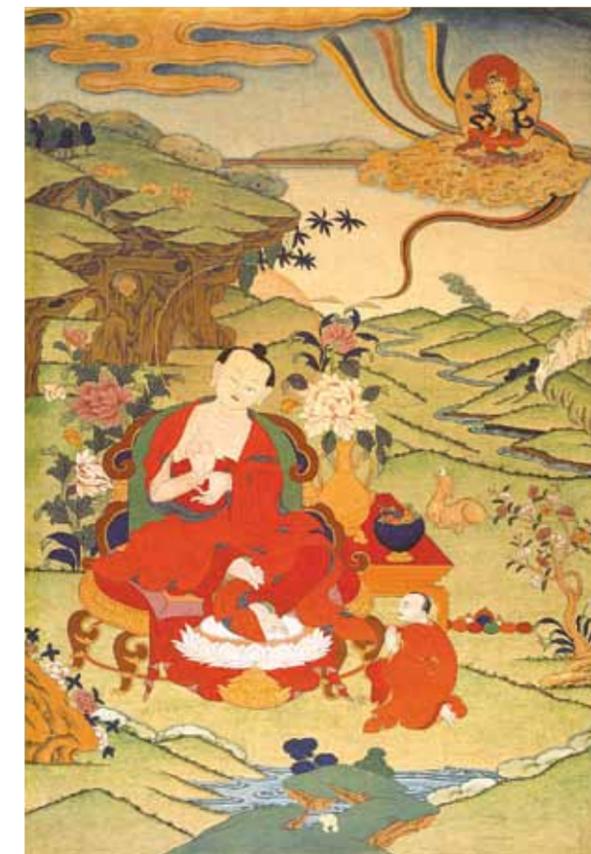
que a vertente Mahayana se propagou pela China, Coreia e Japão, tendo-se desenvolvido no primeiro país duas das suas importantes escolas: o Chan (Zen) e a escola da Terra Pura (estas as mais importantes, porque outras também surgiram!). O Chan consiste em praticar directamente a experiência levada a cabo pelo próprio Shakyamuni quando atingiu o Despertar e abandonou as concepções pessoais e as criações do seu espírito. O início desta difusão na China é fluida e só no século VIII, durante a dinastia Tang, se assiste a uma exuberante eclosão do Chan com uma grande profusão de mestres. Todo este perambular para nos aproximarmos de alguns filósofos do Chan, bem como de certos desenvolvimentos por estes levados a cabo, e que nos aparecem, quanto a nós, como enformando a poesia de Rui Rocha. Vejamos, pois, essas linhas de leitura, primeiro nos autores japoneses e, posteriormente, na própria obra do poeta de que nos ocupamos aqui. Assim, defende Sengcan 僧璨 (?-606) que, se pararmos todo o movimento do espírito, este ficará tranquilo, diz-nos ainda que o abandono da linguagem e do pensamento nos levará para lá de todo o lugar e que a fonte original está para além do espaço e do tempo, já que um instante se torna então dez mil anos; Dongshan Liangjie 洞山良价 (807-869), que é um importante mestre de uma das duas grandes escolas do Chan no Japão, a escola Caodon

(Soto), na sua principal obra (*Hokyo Zan Mai* 宝镜三昧) afirma-nos que ir na direcção de, ou tocar, não possuem, nem um nem outro, qualquer valor, não são mais do que uma bola de fogo e, mais adiante, enuncia que meia-noite é a verdadeira luz e que a alba não é clara²; Hongzhi Zhengjue 宏智正觉 (1091-1157) virá defender que o acto de resplandecer, que não depende de relação alguma, acabará por significar que a Iluminação brilha com a *sua própria* luz. Poder-se-á afirmar, e na sequência do contexto esboçado, que a poesia de Rui Rocha se encontra firmemente enraizada nessas culturas do Extremo Oriente que chamam a si a espontaneidade e a naturalidade como pedra de toque do verdadeiro e do autêntico, quer na vida quer na arte, e que ela apresenta um inconfundível toque de sinceridade, intimamente ligado a uma acção não planeada, que contrasta profundamente com as concepções ocidentais onde um Logos omnipresente (e espartilhador) organiza pensamento e modos de acção. Para o Chan, a mente, ou a verdadeira natureza do homem, não pode ser dividida em duas, essa ilusória divisão resulta da tentativa dessa mesma mente pretender ser, ao mesmo tempo, ela própria mas também a sua ideia dela própria, daí a fatal confusão entre facto e símbolo. Ora, para pôr um ponto final a esta ilusão, a mente deve parar de tentar agir sobre si própria, sobre a corrente das suas experiências, pois é este “por si próprio” que é o modo natural de agir da mente e do mundo: os olhos vêem por si próprios, os ouvidos ouvem por si próprios e a boca abre-se sem termos a necessidade de a forçar a fazê-lo.

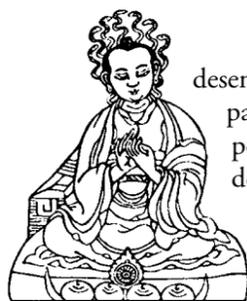
Demarcando-se com acerbidade das filosofias orientais, as correntes ocidentais – se delas excluirmos as formas de ateísmo e de panteísmo, que até ao século XX foram francamente minoritárias – postulam uma transcendência mais ou menos personificada, bem como uma cisão entre essa mesma transcendência e o território da imanência; ora estas duas linhas de força são completamente alheias a todas as filosofias budistas. No entanto, apesar desta distinção, poder-se-ão encontrar zonas tangenciais entre os dois pensares, que vieram, também eles, influenciar a poesia de Rui Rocha. Aliás, não é por acaso que o poeta usa mesmo uma epígrafe de São João da Cruz. Tomemos pois, a título exemplificativo, três autores: em *Scivias*, obra que Hildegarda de Bingen concluiu em 1151, e formada por três livros descrevendo o primeiro seis visões da autora, torna-se interessante comparar a terceira dessas visões

(independentemente da interpretação que a própria Hildegarda dela virá a fazer) com todo o seu jogo de esferas, trevas e chamas flamejantes, com o instante do Grande Despertar intrínseco ao pensamento budista. Hildegarda, na visão seguinte, a quarta deste primeiro livro, diz mesmo tê-la alcançado num “esplendor imenso e sereno que brilhou como se múltiplos olhos fosse”. Se, contudo, não encontramos influências, demasiado fortes, da autora anterior na poética de Rui Rocha, o mesmo não se poderá dizer de Mestre Eckhart, que, no Sermão 5b, defende que Deus apenas poderá começar onde termina a criatura, por conseguinte, urge, no ser humano, a saída de tudo o que nele é criatural, pois só após esse despojamento, Deus – o sagrado, diríamos nós – pode ser aquilo que é no interior do homem. Este esvaziamento do em--si, assume, por vezes, no eu-poético de Rui Rocha, fortes tonalidades de melancolia e, até mesmo, de uma indelével sensação de falha e /ou de incompletude: “há muito que não te

Acharya Nagarjuna (c. 150 - 250), fundador da escola de Madhyamaka de Budismo Mahayana.



LITERATURA



desenho o amor sobre a folha / de um papel / não guardei e muito menos perdi essas palavras / [...] escrevi-as dentro de mim quando mais lugar algum / havia para as escrever” (p. 45); “não sei o que se passa comigo / tudo me parece vago, / vago e ausente. // algo me falta. // onde estou / creio que não estou” (p. 88). O Sermão 42 de Eckhart, que nos diz que na alma há uma potência mais vasta do que o vasto céu, defende claramente que é no lugar onde terminam quer a compreensão quer o desejo e onde as trevas se iniciam, é exactamente aí que se inicia a luz de Deus. Ouça-se então agora a voz do poeta: “a noite segreda-me de novo aquele olhar / que antes escutara nos teus olhos silenciosos / e que me sussurra a vida / como a espiral de um búzio” (p. 17), “tu és a voz / que suavemente ecoa / nos meus passos / pelo chão da noite” (p. 25). Todos os versos do poeta aqui citados podem, do mesmo modo, ser confrontados com os poemas de São João da Cruz, dos quais destacamos: o poema IV, “*Coplas del mismo hechas sobre un éxtasis de alta contemplación*” e o poema XIX “*Glosa a lo divino*”.

Na poesia de expressão budista, e neste caso concreto mais ligada à variante Zen, há uma reverência para com a natureza que, enquanto regra, é incomum no Ocidente. Convém, no entanto, ressaltar que por natureza não se entende tão-só as chuvas, as canas de bambu, etc., mas também os desejos e os desencantos. E eis-nos ante uma nova característica desta escrita: a extrema ambiguidade do referente deste universo poemático, nunca se decidindo o eu-poético em explicitar se estamos frente a um qualquer processo de antropomorfose de onde uma mulher amada pode acenar, ou se essa insinuação feminina é a projecção de outro tipo de contexto, como por exemplo a natureza:

esta noite a tua presença
rondou os meus passos.
a lua cheia chegou.

(Rui Rocha, *A Oriente do Silêncio*, p. 57)

Segue o poeta, então, esse processo de enriquecimento que alguns teóricos têm postulado para os *haicais*, ou seja, que o autor deve expressar a sua sensibilidade, mas evitando sempre as impressões demasiado individualizadas. O fascínio pela poesia oriental, e concretamente pelo *haikai*, tem levado

alguns poetas que escrevem em português a dedicarem-se a tal género de poesia. Citemos apenas quatro exemplos de autores através das suas obras referidas na bibliografia:

Nem sempre a neve
cai do céu: às vezes
explode numa flor
(Albano Martins, *Assim São as Algas*, p. 251)

Madrugada –
No quintal, a lua
E o lírio branco.
(Paulo Franchetti, *Oeste*, p. 28)

pelos caminhos que ando
um dia vai ser
só não sei quando
(Paulo Leminski, *Distraídos venceremos*, p. 108)

Silêncio. Ouçam
a vida – água correndo
cada vez mais triste
(Casimiro de Brito, *A Boca da Fonte*, p. 16)

Se a poesia de Rui Rocha não acusa quaisquer influências dos poetas portugueses de cunho orientalista, como por exemplo Camilo Pessanha, não deixa de ser também verdade que, no essencial, esta escrita pode bem aproximar-se do que de melhor têm feito, no género, alguns dos grandes poetas de língua portuguesa e os cinco *haicais* acima transcritos pretendem fundamentar esta posição. Por outro lado, a especificidade da matriz poética do Oriente aparece na obra do poeta cimentada nos seus múltiplos aspectos, alguns dos quais já referidos neste artigo: a problemática do movimento; a recusa da tecnicização e do artificialismo em arte; a reverência – e até mesmo uma certa humildade – perante a natureza, que nada tem a ver com o paradigma do domínio e violentação da mesma bem ao gosto do Ocidente e que pulula, enquanto amostra, em grande parte da poesia ocidental. A todas estas variáveis, e para terminarmos conforme começámos: sob a égide da tríade, acrescentemos, à guisa de conclusão, a grande importância que têm na poesia de Rui Rocha:

a) a recusa do discursivo e da narratividade, optando o poeta pela apreensão desse instante fulgurante sempre conciso e nítido: “ave que o sol

contempla / branca, de todas as cores, / eleva-se dos sombrios dias” (p. 36), “um breve rasto de leme/ cortou a luz deitada/ na poeira surda das ondas” (p. 83);

b) o estatuto do silêncio no seio do dizer: “sem acordar as palavras/ deslizei até ao chão” (p. 37), “escuto o teu silêncio / a entardecer o dia. / apenas a luz da lua / me dá conta de ti.” (p. 53);

c) a importância desse Grande Despertar, que recusa todo um logicismo iniciado no Ocidente por Platão e que depois Aristóteles desenvolveria fundamentando, bem como todo um universo conceptual de tipo dicotómico, optando antes por um discurso assente num despojado ver, que, frente à impermanência dos fenómenos, se ilumina e ilumina o que na abertura de ser se mostra como algo pleno de autenticidade *A Oriente do Silêncio*.

No entanto – e convém acrescentar – ao enriquecimento e à fascinação que a leitura deste livro de Rui Rocha nos traz não é alheio o sábio modo como maneja as imagens, o código linguístico e as técnicas do labor poético, quer em cada poema quer na obra

enquanto todo. Dessa sua arte frisemos apenas o uso de estruturas poemáticas de tipo anafórico, cujo objectivo é imprimir ao discurso ritmo, leveza e musicalidade (pp. 34, 47, 51, 75, etc.); o recurso aos paradoxos na apreensão do acontecer: “escuto o teu silêncio / a entardecer o dia.” (p. 53), “este é, de resto, o único sentido / claro e absurdo da natureza, / é ser tudo e ser nada ao mesmo tempo.” (p. 89) e, finalmente, a constante tentativa de fixar o aqui e agora:

guiada pelo rasto da última estrela
reflecte-se a maresia da tarde
além, no sal azul dos litorais.
contra o submerso silêncio das horas
a noite esconde-se atrás da lua.
(Rui Rocha, *A Oriente do Silêncio*, p. 71)

e é esta tentativa, sempre por esta escrita retomada, de absolutização do instante, que constantemente ilumina o percurso do eu-poético na demanda desse seu *Oriente* que é, acima de tudo, resplendor e *Silêncio*. **RC**

NOTAS

- 1 Relativamente a este ponto será útil a leitura dos Capítulos 17, 18 e 19 de *Tratado do Meio* de Nagarjuna, autor fundamental do Budismo e fundador da escola Madhyamika, “A Via do Meio”; são também de sua autoria os importantes comentários “Prajnaparamita-Sutra” onde a noção de Vacuidade é devidamente clarificada.
- 2 Leiam-se os capítulos “a noite dos dias” e “contos de lua vaga” de *A Oriente do Silêncio*.

BIBLIOGRAFIA

- Bashô, Matsuo (1986). *O Gosto Solitário do Orvalho*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Brito, Casimiro (2012). *A Boca da Fonte*. Póvoa de Santa Iria: Lua de Marfim.
- Crépon, Pierre (1991). *Les fleurs de Bouddha. Anthologie du bouddhisme*. Paris: Albin Michel.
- Cruz, São João da (2002). *Os Mais Belos Poemas*. Queluz: Coisas de Ler Edições.
- Eckhart (1995). *Traité et sermons*. Paris: Garnier-Flammarion.
- Franchetti, Paulo (2007). *Oeste*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Leminski, Paulo (2002). *Distraídos venceremos*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Martins, Albano (2000). *Assim São as Algas*. Porto: Campo das Letras Editores.
- Nagarjuna (1995). *Traité du milieu*. Paris: Éditions du Seuil.
- Pernoud, Régine (1995). *Hildegarde de Bingen, conscience inspirée du XIIe siècle*. Paris: Editions du Rocher.
- Rinpoché, Kalou (1993). *La voie du Bouddha*. Paris: Éditions du Seuil.
- Rocha, Rui (2012). *A Oriente do Silêncio*. Lisboa: Esfera do Caos Editores.
- Shantideva (1998). *O Caminho para a Iluminação*. Lisboa: Livros e Leituras, Lda.
- Watts, Alan W. (s.d.). *O Budismo Zen*. Lisboa: Editorial Presença.